

COMO SE FOSSE A CRÍTICA (UMA CORRESPONDÊNCIA PARA ANA MARTINS MARQUES)

AS IF IT WAS THE CRITIQUE
(A CORRESPONDENCE TO ANA MARTINS MARQUES)

Rafael Fava Belúzio*

* favabeluzio@yahoo.com.br
Doutor em Estudos Literários: Literatura Brasileira e professor de
Teoria da Literatura e Literatura Comparada da Universidade Federal
de Minas Gerais (Belo Horizonte / MG).

BILHETE: Leitor, se quiser vasculhar essa carta, você precisará ter a permissão da Ana Martins Marques. Escrevi para ela pensando em conversar um pouco sobre *como se fosse a casa* (2017) e tentei abordar alguns assuntos que me chamam a atenção na poética da autora. Eu estava aqui, no Edifício JK, em Belo Horizonte, e fiquei comparando os textos da poetisa e determinados aspectos do prédio de Niemeyer, local em que Ana e eu, migrantes, moramos por algum tempo. Também fiquei refletindo sobre o modo de a escritora desenvolver a musicalidade nos enjambements de seus versos, além de notar que a sua obra mais recente está em diálogo com as anteriores *A vida submarina* (2009), *Da arte das armadilhas* (2011) e *O livro das semelhanças* (2015). Enfim, ainda há nessas páginas fotos pessoais e assuntos delicados. Conto com a sua discrição. Um abraço.

P.S.: Ana Martins Marques; Enjambement; Migrância; *como se fosse a casa*.

BRIEF: Dear reader, if you want to scour this letter, you will need to have Ana Martins Marques' permission. I wrote to her thinking about *as if it was the house* [*como se fosse a casa*] (2017) and I tried to approach some subjects that had called my attention on her poetics. I was here, in the JK Building, in Belo Horizonte, and I was comparing the poet's texts and certain aspects of Niemeyer's premises, a place where Ana and I, migrants, had lived in for some time. I was reflecting on how the writer could develop musicality in the enjambements of her verses, and I also noted that her most recent work establishes dialogues with the previous ones *The underwater life* [*A vida submarina*] (2009), *On the art of setting traps* [*Da arte das armadilhas*] (2011), *The Book of Similarities* [*O livro das semelhanças*] (2015). Finally, these pages also display some personal pictures and touch on sensitive issues. I count on your discretion. Hugs.

P.S.: Ana Martins Marques; Enjambement; Migration; *As if it was the house*.

BH, 02 de novembro de 2018.

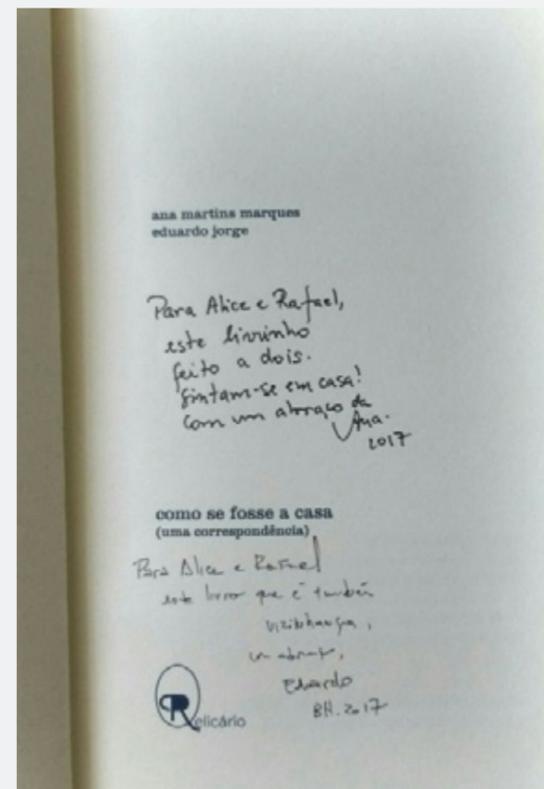
Oi, Ana, tudo bem?

Acabo de ler o *como se fosse a casa* (uma correspondência), “este livrinho feito a dois”, você mesma disse isso no autógrafo/dedicatória que compôs “Para Alice e Rafael”. No lançamento, ali na Livraria Quixote, nós conversamos um pouco e o assunto decidiu morar no Edifício JK, lembra? O vernissage virou vizinhança. Parecia um papo de elevador ou de saguão, e fiquei com vontade de alongar a prosa.

Eu sei que discutir sobre a publicação é discutir com o Eduardo Jorge, com quem você divide as páginas editadas pela Relicário. Contudo, as epístolas dele trazem “viagem à Itália” e “(Paris: só se salva quem partiu)”, enquanto eu não fui à Itália ou a Paris. Minhas migrâncias são menores, perdoai. Então, quando puder, explique ao nosso amigo que o recorte me pareceu um caminho possível. Sei também que tratar de *como se fosse a casa* é continuar o assunto já habitado por Carlos Andrei Siquara (2017), Diamila Medeiros (2017), Ismar Tirelli Neto (2017), Lyza Brasil Herranz (2017), Patrícia Cassese (2017) e Ricardo Aleixo (2017). No entanto, gostaria de me centrar em pontos nem tão visitados por eles e focar em aspectos

que me são mais íntimos, se você, Ana, me permitir algumas confidências. Sem falar que ando relendo escritas individuais suas – *A vida submarina* (2009), *Da arte das armadilhas* (2011), *O livro das semelhanças* (2015) – e ponderando o fato destes volumes se alojarem na construção mais recente.

Neste momento, estou me deslocando entre o computador e esta página:



Eu estou cá perdido, aqui presente neste labirinto de Belo Horizonte, no meu quarto, localizado no bloco A, do Edifício JK. Antes, morei um tempo no 34º andar do bloco B. A vista era linda: paisagem, Lourdes, luzes, linhas de Belo Horizonte. Mas a quitinete era um beco. Um belo dia resolvi mudar. O apartamento atual é mais espaçoso, arejado... E composto por dois módulos, ao estilo de Le Corbusier. Enfim, estou dizendo essas coisas, no começo da carta, porque na abertura de *como se fosse a casa* consta aquela nota em itálico indicando que

Este livro é resultado de uma correspondência entre Eduardo Jorge e Ana Martins Marques, durante o período em que ela morou no apartamento dele no Edifício JK, projetado em 1952 por Oscar Niemeyer. Eduardo continua em viagem. Os poemas dela estão escritos em azul sobre fundo branco, e os dele, em branco sobre fundo azul. (MARQUES, 2017, p. 5).

Pois é, estou redigindo na edificação em que você escreveu para o Eduardo. E resolvi fazer esta carta, como se fosse a crítica, em formato de fragmentos, ou módulos, como se cada bloco de linhas formasse uma residência do JK. Assim, fico até meio na dúvida se estou escrevendo com ou escrevendo sobre a sua literatura. Persiste em

mim a sensação de que nas mensagens o destinatário (ou o fantasma projetado pelo remetente) também compõe as frases.

Divagando sentado, no condomínio Juscelino Kubitschek, pensando nos textos feitos entre essas paredes, o que mais me chama a atenção é habitarmos o mesmo espaço e construirmos lugares diferentes: sinto morar nestes módulos, nestas caixas de concreto, um tanto metrificadas, mas com o vento atravessando o vidro da quarta parede do quarto.

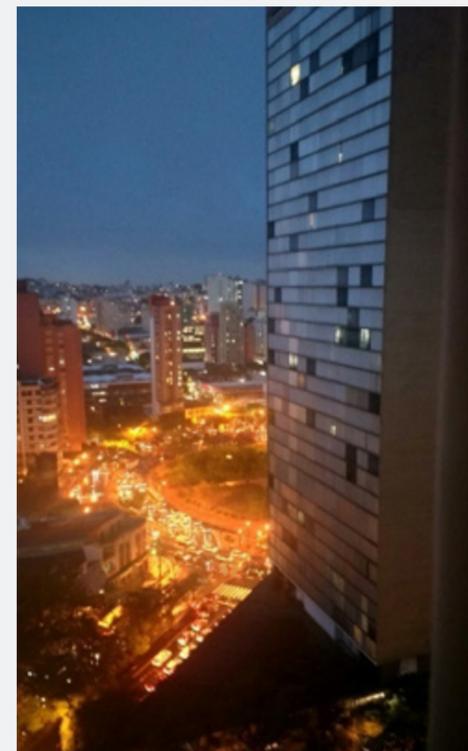
Semana passada, um vizinho, estudante de cinema, me contou que, para ele, estar no JK é estar no Edifício Master, porém não exatamente no prédio carioca, nem completamente no filme de Eduardo Coutinho, porque os indivíduos filmados pelo cineasta, embora outros, estão aqui. No entanto, as personagens locais, ao que me parece, não recebem tanto abrigo em seus traços, Ana. Sua lírica explora mais a intimidade do próprio sujeito poético, lembrando um pouco o que disse o Wilberth Salgueiro no ensaio “Notícia da atual poesia brasileira”.

Um das curiosidades: de que maneira era a casa do Eduardo? Duplex linear ou quitinete com escada que desce? Um ou dois banheiros? Qual bloco? Qual andar?

Se não me engano, há cerca de mil apartamentos aqui no JK, os quais seguem em torno de dez modelos diferentes e abrigam por volta de cinco mil pessoas. Noto que, no começo do livro, você coloca detalhes espaciais, e, progressivamente, vai tornando mais filosóficas e menos geográficas as composições; não obstante, fiquei tentando descobrir o ambiente exato desta ou daquela referência à cidade vertical. Evito conceber o *locus* doméstico enquanto categoria atemporal, no sentido proposto por Gaston Bachelard, em *A poética do espaço*; estou mais para a noção de cronotopo, presente em *Questões de literatura e de estética*, de Mikhail Bakhtin. Quero saber a idade de cada porta, cronometrar a distribuição da luz pelos cômodos.

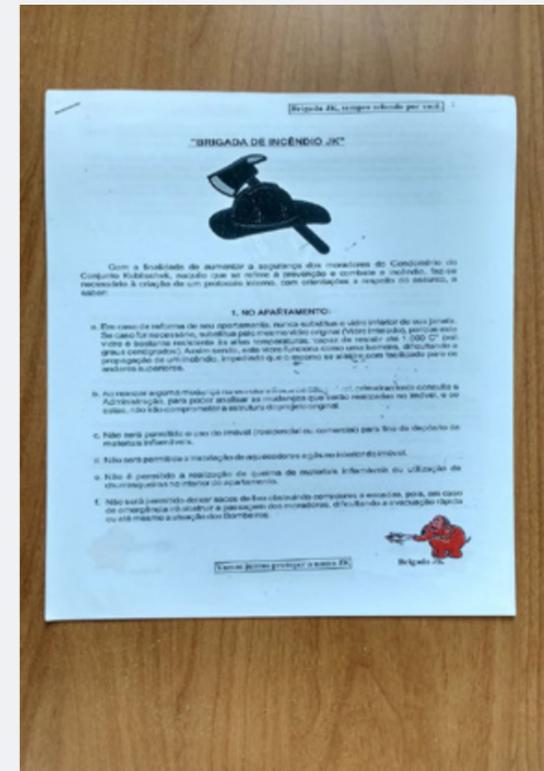
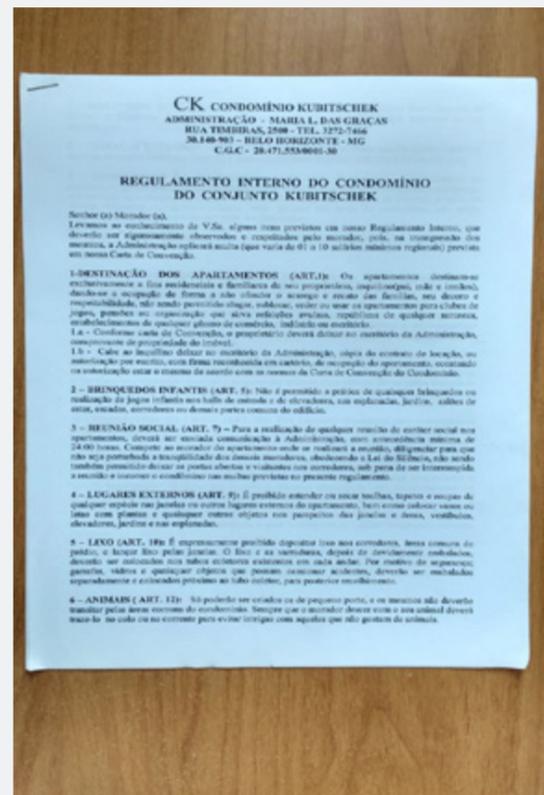
Lendo a sua sequência de poemas, de início fico com a sensação de estar me mudando, outra vez, hoje, para o meu edifício, ou de estar me visitando durante um engarrafamento noturno. Minha janela da sala avista a Praça Raul Soares, esse nó do tráfego: nela desembocam e travam os carros que descem as avenidas Amazonas, Olegário Maciel, Bias Fortes e Augusto de Lima. E você começa a sequência lírica com um familiar noturno de Belo Horizonte:

Hoje ela é o ponto mais noturno da noite
o nó maior do tráfego
enquanto as janelas pouco a pouco se acendem
ela perde a conta das estrelas
e dos faróis que formam em torno da praça
um semicírculo de luz (MARQUES, 2017, p. 9).



A partir do segundo poema, a ideia de estar me mudando novamente para onde resido é ainda mais forte.

Relembro quando optei por viver aqui e da necessidade de ir à Administração do prédio. Levar documentos; ouvir as normas; receber tanto o “REGULAMENTO INTERNO DO CONDOMÍNIO DO CONJUNTO KUBITSCHKEK”, quanto as instruções da “BRIGADA DE INCÊNDIO JK”. Guardo na gaveta esses papeis:



Contudo, o seu texto, Ana, dá um salto. Parte da experiência imediata, do protocolo e manifestação de apreço ao sr. diretor, e constrói, com bastante lirismo, silêncios:

Ela recebeu mas não leu
o regulamento do prédio
o protocolo de incêndio (MARQUES, 2017, p. 9).

A Administradora não ficaria muito contente em saber que a Senhora Moradora não leu as normas. Tudo bem; a princípio, tampouco eu li. E não vou contar para a prefeitura do prédio. No entanto, seguindo a leitura de *como se fosse a casa*, desconfio que a amiga tenha lido sim os documentos, embora o seu sujeito-lírico (já leu aquele ensaio de Dominique Combe publicado na Revista USP? Chama “A referência desdobrada”, eu acho) prefira abordar, sigilosamente, o assunto:

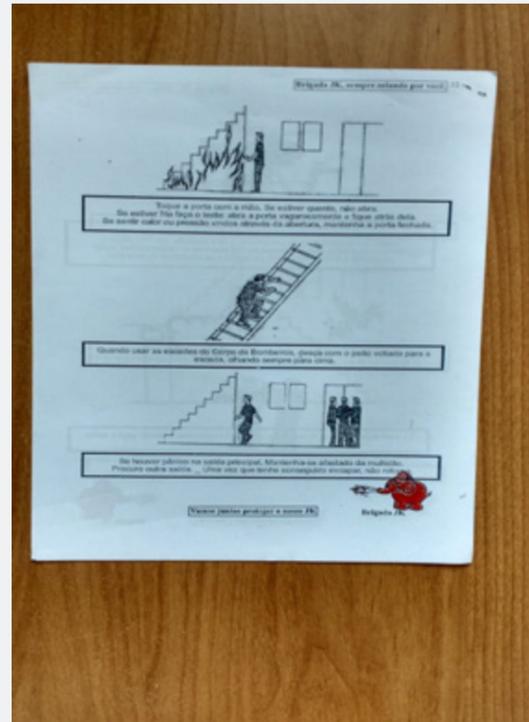
Coisas que o regulamento não diz:
é preciso acreditar no poder
da paisagem
aprender
em sigilo (MARQUES, 2017, p. 18).

Ou nem tão sigilosamente assim. A certa altura, retornando mais uma vez para os documentos recebidos, parece até que estou revisitando o “Poema retirado de uma notícia de jornal”, do Manuel Bandeira. Encontro um poema retirado do regulamento interno:

Numa entrevista Ana Carson diz que
se a prosa é uma casa
a poesia é um homem em chamas
correndo rapidamente através dela

numa entrevista, quando lhe perguntaram
o que salvaria
se sua casa pegasse fogo
Jean Cocteau respondeu
que salvaria o fogo
no protocolo de incêndio
do condomínio do edifício JK
está escrito
não fique parado na janela sem nenhuma defesa
o fogo procura espaço para queimar
e irá buscá-lo se você não estiver protegido
e também: mantenha-se vestido e molhe suas roupas
e também: feche todas as portas atrás de você
e ainda: rasteje para a saída, pois o ar é mais puro
junto ao chão
e ainda: uma vez que tenha conseguido escapar,
não retorne (MARQUES, 2017, p. 29).

Desculpe insistir no assunto, mas notei um diálogo intenso com as instruções de incêndio. E ainda: me saltou aos olhos a repetição, literal, até mesmo de alguns trechos:



É claro que o seu enjambement é muito mais potente, possui muito mais literaturidade do que a frase direta vista nas instruções. Tudo bem que a sentença original já possui beleza: “Uma vez que tenha conseguido escapar, não retorne”. Vejo certo encanto em dizer, por último, para o morador não retornar. Entretanto, a sua quebra de verso, Ana, trai a vírgula documental e dá amplitude. Lembra ainda aquilo mais ou menos dito por Giorgio Agamben ao problematizar “A ideia da prosa”: verso

é volta, sobretudo o verso métrico é um retorno à casa sonora antes habitada. Residir novamente nas mesmas incidências de átonas e tônicas. Porém você não retorna. Possui ritmo mais jazzístico, migrância errante... O leitor é lançado para fora do lugar acústico mais comum e

a quebra versífrica talvez caminhe para uma concepção poética. Já em *A vida submarina*, constava “Linha de arrebentação”:

Enquanto os escafandristas
vasculham o fundo do mar, infértil,
atrás do peixe impensado,
detemo-nos
tumultuados
na linha de arrebentação.
Há um conhecimento na desordem:
as ondas arrastam e trazem coisas para a praia
– plástico, estrelas, conchas, cabelos.
Oferendas para a luz
inútil
do dia. (MARQUES, 2009, p. 219).

Concordo que haja um conhecimento na desordem, por isso desculpe o meu deambular sem o rigor de um escafandrista, mas na condição de um colecionador

tumultuado. Fabulo que o seu ritmo siga essa desordem arquitetada e que você se preocupe muito com a linha de arrebentação, com o momento em que corta o verso, e não exatamente com o retorno métrico. Seu texto, quando leio, sinto ele mais interessado na dança dos olhos do que na dança dos pés.

Ou não. Recordo aquele “Segundo poema”, presente em *O livro das semelhanças* e dedicado ao *fabbro* Paulo Henriques Britto.

Agora supostamente é mais fácil
o pior já passou; já começamos
basta manter a máquina girando
pregar os olhos do leitor na página
como botões numa camisa ou um peixe
preso ao anzol, arrastando consigo
a embarcação que é este livro
torcendo pra que ele não o deixe
pra isso só contamos com palavras
estas mesmas que usamos todo dia
como uma mesa um prego uma bacia
escada que depois deitamos fora
aqui elas são tudo o que nos resta
e só com elas contamos agora (MARQUES, 2015, p. 19).

Não obstante a métrica oscile dentro dos versos, sucede a persistência na elaboração de decassílabos ao longo das quatorze linhas do soneto. Todavia, noto que já estou a muitas ruas do nosso Edifício JK.

Voltando para a entrada de sua obra – e do prédio –, você dizia, usando uma espécie de terceira pessoa para falar de si, e/ou do sujeito-lírico

O que mais a impressiona são os corredores
ela poderia percorrê-los
durante horas
mas de repente se dá conta de que não andou
nem um metro a mais
do que o necessário (MARQUES, 2017, p. 9).

Impressiona a facilidade com que são esboçados os corredores do imóvel, as linhas que nunca terminam...



Por determinado ângulo, a metáfora do seu texto permite ler uma abordagem temática do verso, esse corredor de palavras. A poetisa poderia fazer uma pauta sem fim, percorrer uma linha durante horas e horas e horas, e quiçá possa o leitor especular que, se a lógica métrica é, supostamente, mais rarefeita, não há motivo para quebrar a linha; porém, o leitor pode se dar conta de que não ocorre nenhuma palavra a mais

só

o necessário. Você se detém, com a precisão de um escafandrista, na linha de arrebentação. Penso, Ana, que a sua arquitetura, aparentemente menos engenhada que a de Niemeyer, na verdade está simulando, com artifícios, um tumulto. Suspeito que não seja ocasional, p. ex., a menção às “canções de arrebentação” aqui em *como se fosse a casa*:

Talvez fosse preciso aprender sobre morar
com aqueles que frequentam a madrugada
ou o mar
e conhecem essas horas imprecisas
nem noite nem manhã
expostos às tormentas ou à luz titubeante
de bares que não fecham
entoando ou não canções de arrebentação
ou de naufrágio (MARQUES, 2017, p. 33).

O verso quebrado é um naufrago do anterior. Submerso, respira as palavras acima expiradas. Continua nele o ar previamente solto. E raciocino se o livro mais recente também não é um enjambement editorial. Se não continuam aqui, em incerta medida, poemas de outros livros seus. A última publicação enquanto naufraga das anteriores. Submersa, repete as palavras já expiradas. Continua nela o ar previamente solto.

Como se fosse um teórico, estou brincando de formular a possibilidade de um cavalgamento editorial. Retomando a proposição de Giorgio Agamben, vale referir que, entre dois versos, o cavalgamento equivale a uma não coincidência entre a métrica e a sintaxe: decorre uma quebra na linha, porque, na melopeia, há um término; todavia, o sentido sintático-semântico da frase ainda não acabou, continua na linha seguinte. A partir dessa noção é que suponho o que estou chamando de enjambement editorial: com o final de um livro, decorre uma quebra na sequência de poemas, o volume em si está, por assim dizer, concluso; no entanto, a obra do poeta, a sua criação literária, continua nas linhas de um volume posterior.

O metalinguístico “Linha de arrebentação” é do primeiro lançamento, *A vida submarina*, e conversa bastante com este *como se fosse a casa* (uma correspondência), em especial devido à intratextualidade e ao frequente uso de enjambement. A característica epistolar é mais um dos pontos em comum entre os registros do *submarino* e os da *casa*. Evoco, reservadamente, o “Self safári (Carta para Ana C.)”, que troca notícias com a autora de *Correspondência completa*. Inclusive, o seu “Diário (verão de 2007)”, AMM, se avizinha à poesia de ACC; em particular, às *Cenas de abril*. Essa afinidade com arquivos, coleções, listas, por

sinal, atravessa *A vida submarina* e *como se fosse a casa*. A própria casa é uma espécie de arquivo de quem nela mora, e não é à toa que você já havia composto uma série chamada “Arquitetura de interiores”. Por vezes, é fácil confundir um livro com o outro, um amor com o outro, ao estilo do que é dito na “Casa de praia”. Calculo haver certa persistência entre os tomos. Em ambos, existem textos em série. Em 2017, o inventário portátil das epístolas líricas; em 2009, sete seções independentes em suas diferenças e aproximáveis em sua unidade.

Com *Da arte das armadilhas* o cavalgamento permanece. Tanto que o poema de abertura já anuncia que o leitor está “entre a casa / e o acaso”. Aliás, lugar em comum é a presença de poemas em série, a exemplo da sequência “Interiores”. São versos sobre artefatos domésticos: “AÇUCAREIRO”, “CADEIRA”, “TALHERES”. Gosto, em particular, do haicai “CORTINA”: “Entre o fora e o dentro / lês / o vento” (MARQUES, 2011, p. 17). Ele muito me lembra “cortinas de seda / o vento entra / sem pedir licença” (LEMINSKI, 2013, p. 239), de Paulo Leminski. E logo fico presumindo que a geração do autor de *Caprichos & relaxos* e de Ana Cristina Cesar, de algum modo, impacta na sua produção: e não será um bom poeta o enjambement que realiza desleitura de um poeta precedente? Acontece que, em AMM, não avisto

apenas uma influência, mas um longo e burilado remoer de muitos autores. Visitação e migração: repetição e diferença. Tanto é que você chega a citar vários nomes: Elizabeth Bishop, Adélia Prado, e. e. cummings, Safo, Ana Akhmátova, Sophia Andresen...

Em *O livro das semelhanças*, a lista de mencionados também é notável: Paulo Henriques Britto, Manuel Bandeira, Ana Cristina Cesar, Maria Esther Maciel, Vitor Chklóvski. Poderia ainda avaliar as semelhanças entre esta obra e *como se fosse a casa*. Um dos aspectos comuns é o uso da partícula comparativa “como”, vista no título mais recente e presente, muitas vezes, no volume anterior. A recorrência expressa uma poética, um desejo comparativo de uma doutora em Literatura Comparada, mesmo que o nome do fascículo construído com Eduardo Jorge venha de uma fala dele. Por essas vias, convém destacar a afinidade de sua ex-orientadora, Maria Esther Maciel, com inventários, coleções, enciclopédias, além do gosto de Ana Cristina Cesar por guardados, correspondências, arquivos. Os poemas “Museu” e “Coleção” (dois elementos que são as casas de certos objetos) atestam esses convívios e reelaboram a lírica serial: “LIVRO”, “CARTOGRAFIAS”, “VISITAS AO LUGAR-COMUM”, “O LIVRO DAS SEMELHANÇAS”, sendo que este é o nome de um poema, de uma seção e do trabalho como

um todo. Ultrapasso a capa e observo se diluírem, ambigualmente, as fronteiras; estão borradas as distâncias entre uma obra e outra. Não é por acaso que, no “Índice remissivo”, a “casa” seja uma das palavras mais visitadas.

E então eu chego, como quem se deixa cair sobre um arquivo adicional, sobre a sua tese de doutorado, Ana: “Paisagem com figuras: fotografia na literatura contemporânea (W. G. Sebald, Bernardo Carvalho, Alan Pauls, Orhan Pamuk)”. Nas referências bibliográficas, essa espécie de coleção, é assídua a presença de teóricos que borram as fronteiras conceituais, tendem a não persistir na lógica dual estruturalista. Vejo menções a, por exemplo, Jacques Derrida, Roland Barthes e Walter Benjamin. Talvez esteja nessa afinidade um dos pontos fundamentais de sua poética, esse gosto por diluir a fronteira, criar dobra, entre-lugar, indecível, limiar. Acervo epistemológico que me lembra a imagem da dobra presente no “Mapa” de *A vida submarina*, algo tão usual nas “CARTOGRAFIAS” do volume de 2015. Em *Da arte das armadilhas*, rememoro o seu “CAPACHO”, que assinala doce justamente o intervalo entre o dentro e o fora: “Home / sweet / rua” (MARQUES, 2011, p. 18). Já no último texto de *O livro das semelhanças*, é dito que “acendo um poema em outro poema / como quem acende um cigarro no outro” (MARQUES, 2014, p. 108).

Acendendo um livro no outro, como o migrante que acende um lugar no outro, *como se fosse a casa* também é da arte das semelhanças. E por isso estou imaginando as publicações no estado de versos unidos por espécies de enjambements editoriais. Você vem compondo uma série e chega a expor detalhes do “morar no intervalo entre” (MARQUES, 2017, p. 34) e admite que

Somos anfíbios
sobrevivemos igualmente na casa e na rua
respiramos na casa e respiramos na rua
entramos em casa com os pulmões cheios de ar da rua
e devolvemos depois à rua um punhado de ar da casa
(MARQUES, 2017, p. 26).

Silviano Santiago escreveu um artigo chamado “Uma literatura anfíbia”, já leu? Estou desconfiando que, devido à sua formação na UFMG, desde a graduação até o doutorado, lhe chega um repertório que muito está aliado ao pensamento do doutor pela Sorbonne; afinal, o escritor é uma das maiores influências da Faculdade de Letras belorizontina. O repertório que passa por Jacques Derrida, Roland Barthes e Walter Benjamin possui, em grande medida, um elo com o autor de “O entre-lugar do discurso latino americano”, pois parte expressiva do imaginário de nosso Programa de Pós-Graduação em

Estudos Literários, minha cara, está sob a influência de Santiago. Os seus poemas, Ana, devolvem um punhado de ar da universidade, essa sua outra casa.

Essas minhas considerações, ou conjecturas, por suas vezes, levam em conta apontamentos de Janine Resende Rocha (2009), Sabrina Sedlmayer (2009), Armando Freitas Filho (2011), Flávia Drummond Neves, Jacques Fux e Pedro Castilho (2013), Wilberth Salgueiro (2013; 2015), Anélia Montechiari Pietrani (2015), Maria Adélia Menegazzo (2015), Dayse Aparecida do Amaral Santos (2016), Flora Thomson-De Veaux (2016), Tamara dos Santos (2016), Douglas Rosa da Silva (2017), Filipe Manzoni (2018), Mariane Pereira Rocha e Aulus Mandagará Martins (2018), Paulo Benites (2018), Rodrigo Fonte (2018) e, principalmente, a apresentação feita por Murilo Marcondes de Moura (2009), a resenha feita por Alcides Villaça (2015) e o artigo feito por Diamila Medeiros (2017).

Desculpe esse catálogo aqui ao final. Porém gostaria de assinalar as pessoas com quem andei interagindo. Ademais, acredito que os meus apontamentos ainda não foram sugeridos por ninguém, pelo menos não exatamente. Sobretudo o fato de seus tomos, Ana, estarem em uma continuidade que chega a ser discutível a fronteira

entre eles, assim como se verifica nos escritos muita afinidade com o indecível pós-estruturalista, ou o limiar benjaminiano, ou o entre-lugar de Silviano Santiago... enfim, não gostaria de balizar, igual a um escafandrista, porque há um conhecimento na desordem e todas essas alternativas conceituais são trazidas pelas ondas de seus versos.

Essa carta, minha cara, é outra forma de tornar um tanto incerta a fronteira entre a crítica literária e a nossa conversa, ocorrida na Livraria Quixote. Espero que minhas palavras encontrem você digitando palavras porvir, um novo livro, o qual também continuará a sua linha que nunca termina, apesar de fragmentada pelas quebras dos livros.

Com um abraço,
Rafael.

P. S.: Ana, essa carta está aqui em casa há algum tempo. Agora, durante a Quarentena de 2020, enquanto arrumo os guardados, encontro o texto. E fico pensando que pode valer a pena lhe enviar. Talvez isso amenize o isolamento social, talvez crie outro enjambement.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **A ideia da prosa**. Tradução, prefácio e notas de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

ALEIXO, R. [Orelha]. In: MARQUES, A. M.; JORGE, E. **como se fosse a casa** (uma correspondência). Belo Horizonte: Relicário Edições, 2017.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. Revisão da tradução de Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini. et. al. São Paulo: Unesp/Hucitec, 1998.

BENITES, P. As palavras e as coisas: o inventário poético de Ana Martins Marques. **Revista Estação Literária**, Londrina, v. 20, p. 280-291, mar. 2018. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/estacaoliteraria/article/view/33059/23408>>. Acesso em: 31 out. 2018.

CASSESE, P. Cartas entre dois jovens poetas. **Pampulha**, Belo Horizonte, 19 ago. 2017. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/pampulha/cartas-entre-dois-jovens-poetas-1.1510331>>. Acesso em: 31 out. 2018.

COMBE, D. A referência desdobrada: o sujeito lírico entre a ficção e a autobiografia. Tradução de Iside Mesquita e Vagner Camilo. **Revista USP**, São Paulo, n. 84, dez.-fev., 2009-2010. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13790/15608>>. Acesso em: 31 out. 2018.

FONTE, R. A imersão do leitor e a quarta parede na poética de Ana Martins Marques. **Cadernos de Pós-Graduação em Letras**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 46-65, 2018. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgl/article/view/10608/7173>>. Acesso em: 31 out. 2018.

FREITAS FILHO, A. [Orelha]. In: MARQUES, A. M. **Da arte das armadilhas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HERRANZ, L. B. O sentido de habitar. como se fosse a casa, de Ana Martins Marques e Eduardo Jorge. **Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 18, p. 241-245, 2017. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/flbc/article/view/18055/10884>>. Acesso em: 31 out. 2018.

MANZONI, F. 'Ninguém' é o nome do autor: Leonardo Gandolfi e Ana Martins Marques sobre a **Odisseia**. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 55, p. 51-72, set.-dez., 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-40182018000300051&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 31 out. 2018.

MARQUES, A. M. **A vida submarina**. Belo Horizonte: Scriptum, 2009.

MARQUES, A. M.. **Da arte das armadilhas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MARQUES, A. M. **Paisagem com figuras**: fotografia na literatura contemporânea (W. G. Sebald, Bernardo Carvalho, Alan Pauls, Orhan Pamuk). 2013. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

MARQUES, A. M. **O livro das semelhanças**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MARQUES, A. M.; JORGE, E. **como se fosse a casa** (uma correspondência). Belo Horizonte: Relicário Edições, 2017.

MEDEIROS, D. A poeta e a casa: uma cartografia íntima dos versos de Ana Martins Marques. **Revista Versalete**, Curitiba, v. 5, n. 9, jul.-dez., 2017. Disponível em: <<http://www.revistaversalete.ufpr.br/edicoes/vol5-09/13%20A%20poeta%20e%20a%20casa.%20Diamila%20Medeiros.pdf>>. Acesso em: 31 out. 2018.

MENEGAZZO, M. A. A natureza-morta: uma reflexão poética e fotográfica. **Guavira Letras**, Três Lagoas, n. 21, p. 255-269, jul.-dez., 2015. Disponível em: <<http://websensors.net.br/seer/index.php/guavira/article/view/367/351>>. Acesso em: 31 out. 2018.

MOURA, M. M. [Orelha]. In: MARQUES, A M. **A vida submarina**. Belo Horizonte: Scriptum, 2009.

NEVES, F. D. N.; FUX, J.; CASTILHO, P. O gozo e amo/r/te: Ana Cristina Cesar, Ana Martins Marques e Marguerite Duras. **Revista e-escrita**, Nova Iguaçu, v. 4, n. 3, p. 133-142, 2013. Disponível em: <http://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/view/920/pdf_126>. Acesso em: 31 out. 2018.

PIETRANI, A. M. A razão ética e poética nos poemas de Ana Martins Marques. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 45, p. 301-319, jun., 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-40182015000100301&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 31 out. 2018.

ROCHA, J. R. Resenha: MARQUES, Ana Martins. **A vida submarina**. Belo Horizonte: Scriptum, 2009. 144 p. **Revista do Centro de Estudos Portugueses**, Belo Horizonte, v. 29, n. 41, p. 155-158, jun., 2009. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cesp/article/view/6551>>. Acesso em: 31 out. 2018.

ROCHA, M. P.; MARTINS, A M. Museu de momentos: poesia, memória e fotografia em Ana Martins Marques. **Revista SOLETRAS**, Rio de Janeiro, n. 36, p. 183-194, out., 2018. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/33098>>. Acesso em: 31 out. 2018.

SADLMAYER, S. Parentescos entre a leitura e o amor: a poesia de Ana Martins Marques. **Revista Ipotesi**, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 173-174, jul.-dez., 2009. Disponível em: <<https://ipotesi.ufjf.emnuvens.com.br/ipotesi/article/view/622/556>>. Acesso em: 31 out. 2018.

SALGUEIRO, W. Notícia da atual poesia brasileira – dos anos 1980 em diante. **O Eixo e a Roda**, Belo Horizonte, v. 22, n. 2, p. 15-38, dez., 2013. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/5378/4782>. Acesso em: 31 out. 2018.

SALGUEIRO, W. O QUE TESTEMUNHA A POESIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA? CONSIDERAÇÕES A PARTIR DE OBRAS INDICADAS AO PRÊMIO PORTUGAL TELECOM (2003-2014). In: **XIV Congresso Internacional Abralic**, 2015, Belém, Anais, Belém, Abralic, 2015, v. 1, p. 1-12.

SANTIAGO, S. Uma literatura anfíbia. In: _____. **O cosmopolitismo do pobre**: crítica literária e crítica cultural. Belo Horizonte: UFMG, 2004. p. 64-73.

SANTIAGO, S. "O entre-lugar do discurso latino-americano". In: _____. **Uma literatura nos trópicos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SANTOS, D. A. do A. O poeta e seu tempo: Arnaldo Antunes, Angélica Freitas, Ana Martins e Bruna Beber. **Cadernos CESPUC de Pesquisa Série Ensaio**, Belo Horizonte, n. 30, p. 14-26, jul., 2017. Disponível em: <<http://seer.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/view/12293/11978>>. Acesso em: 31 out. 2018.

SANTOS, T. dos. Das semelhanças e das metaficcões em **O livro das semelhanças**. **Revista Hyperion**, Salvador, n. 8, p. 56-58, 2016. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistahyperion/article/view/16907/11218>>. Acesso em: 31 out. 2018.

SILVA, D. R. da. Entre o corpo e a palavra: recriações e resistências na poesia brasileira contemporânea. **Revista Crioula**, São Paulo, n. 20, p. 355-382, 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/135290>>. Acesso em: 31 out. 2018.

SQUARA, C. A. Entre casas e ensaios sobre o morar. **O Tempo**, Belo Horizonte, 18 ago. 2017. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/divers%C3%A3o/magazine/entre-casas-e-ensaios-sobre-o-morar-1.1510636>>. Acesso em 31 out. 2018.

TIRELLI NETO, I. Ana Martins Marques e Eduardo Jorge abalam o conceito de lar. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 12 ago. 2017. Ilustrada. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/08/1909157-ana-martins-marques-e-eduardo-jorge-abalam-conceito-de-lar.shtml>>. Acesso em: 31 out. 2018.

THOMSOM-DEVEAUX, F. 'Mapas no fundo / não são o mundo': the 'cartographies' of Ana Martins Marques. **Revista de Literatura Brasileira**, Porto Alegre, v. 29, n. 53, p. 21-35, 2016. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/brasilbrazil/article/view/69938>>. Acesso em: 31 out. 2018.

VILLAÇA, A. Livro sobre livro traz doçura rigorosa de Ana Martins Marques. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 03 out. 2015. Ilustrada. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/10/1689466-livro-sobre-livro-traz-doçura-rigorosa-de-ana-martins-marques.shtml>>. Acesso em: 31 out. 2018.

Recebido em: 03-04-2020.

Aceito em: 08-02-2021.